

COMISSIÓN: IX. Derecho, género y sexualidad

Além do que os olhos vêem: las mujeres olvidadas de Juarez

Rosely Aparecida Stefanos Pacheco¹

Como si no fuese suficiente

Despojarte de la vida

Frente a las frías máquinas

Como si el desierto

Exigiera tu sangre

Lluvia en verano

Para ver flores en sus cactus

Como si tus lamento

Fuesen el viento necesario

Que arrastra la arena

Para cubrir los labios

Como si tu piel morena

De manera inevitable

Fuese tambor que llama

A los impunes

Como si sólo tu carne

Fuese el alimento predilecto

De buitres y perros

Que sean tus pezones cercenados

Los ojos con los que miren

A su madre

Que sean tus gritos

Que funden tímpanos sus cantos

cuando busquen, miserables, consuelo

Que sean el color de tu carne golpeada

¹ Doutoranda em Direito Pontificia Universidade do Paraná (PUC PR), professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), apoio FUNDECT.

El tono del maquillaje
De sus días felices
Que sea tu aromático cabello trenzado
La soga en que cuelguen a diario
Todos y cada uno
De sus sueños
Que sea tu tormento
Su desayuno, comida y cena
Y tu cruz
Leña verde ardiendo en el centro de su pecho.
(Antonio Cerezo Contreras)

Este trabalho tem entre seus objetivos refletir sobre a violência cometida contra as mulheres mexicanas em Ciudad Juarez, localizada na fronteira do México e Estados Unidos. Esta cidade ficou tristemente conhecida no início dos anos 1990 como a “capital do feminicídio”, por causa dos constantes assassinatos, precedidos de violência sexual e desaparecimentos de mulheres. A maioria delas foi estuprada, algumas por muitas pessoas e torturadas com práticas como necrofilia e sadismo, que são utilizadas freqüentemente nos casos destes homicídios. Mas, o que mais nos interessa destacar é que as “mortas” de Juárez são mais que uma estatística. Elas têm nomes, rostos e histórias que na maioria das vezes são desconsideradas pelo Poder Judicial, pela sociedade, pela mídia.

Adotou-se a figura do Femicídio/Feminicídio, que ocorre quando o Estado não garante a segurança das mulheres ou cria um ambiente no qual as vidas das mulheres não estão seguras nas suas comunidades e lares. Também acontece quando as autoridades não cumprem suas tarefas legais. O caso dos homicídios e desaparecimentos das mulheres em Ciudad Juarez é um fenômeno de grandes dimensões. Não se pode apresentar um rol de soluções apenas com a reforma do Código Penal, mas também por meio de uma aproximação com outras áreas do conhecimento. Buscamos referenciais para o estudo desta temática em diversas áreas do conhecimento. Dentre elas citamos: História, antropologia, sociologia e direito.

Importante enfatizar que essa violência não é específica **contra** as mulheres da fronteira norte do México, também em outros países latino americanos, os assassinatos de mulheres, adolescentes e meninas têm se intensificado ao longo dos últimos anos.

Juárez é uma pequena cidade, no norte do México. De céu e ruas quase sempre cinza. Assemelha-se a essas cidades que vemos nos seriados, filmes americanos que tratam sobre a violência na fronteira. Violência essa, geralmente mostrada como “mais mexicana do que estadunidense”. A cidade a primeira vista pareceu-nos triste. Somente à noite é que pudemos perceber o grande burburinho de suas calles.

Porém, Ciudad Juárez é muito mais que uma calle. Cada vez mais se estende, avança para o deserto, se amplia com obras públicas, com ruas que se cruzam, se comunicam. Ao centro pode-se perceber o passeio histórico. Bares, lanchonetes, restaurantes que geralmente recebem “aqueles que vem do outro lado”: os estadunidenses. Sentados nesses locais à espera de um atendimento observa-se a presença constante de muitos homens e mulheres com suas camionetes ainda reluzentes de tão novas. Seres que parecem saídos de um filme americano. Com suas botas ao estilo texano, seus bigodes fartos, sua coloração de pele branca, para não dizer vermelha. Os garçons em sua maioria são mexicanos e apressam-se para atendê-los. Afinal ali está a renda do seu dia.

Impossível não passar pelas ruas, pelo centro histórico de venda de artesanatos, onde os vendedores nos atendem geralmente em inglês. Bom, inglês é um idioma que se ouve corriqueiramente pelas ruas de Ciudad Juárez. Esse idioma é como um rito de passagem para fazer parte daquela sociedade.

Segundo Segato (2004), o caso dos homicídios e desaparecimentos de mulheres em Ciudad Juárez, Estado de Chihuahua, é um fenômeno de grandes dimensões, cujo interesse ultrapassa às fronteiras nacionais. Não somente a sociedade mexicana senão também a internacional tem demandado atenção para esclarecer os homicídios e desaparecimentos que por mais de quinze anos vem ocorrendo nessa cidade fronteiriça.

Desde 1993, segundo dados reportados, já são mais de 470 mulheres que têm sido assassinadas e mais de 600 desaparecidas em Ciudad Juárez, Estado de Chihuahua. O clima de violência e impunidade segue crescendo sem que até o momento se tenha tomado atitudes, ações concretas para terminar com este feminicídio. Sequer as estatísticas governamentais são confiáveis. Dentre as mulheres, tem-se jovens, empregadas de

maquiladoras, imigrantes, indígenas que saem de seus locais de origem por conta de toda situação a que foram submetidas desde o regime de colonial espanhol.

Segundo Urruti (2007), Juárez é una ciudad repleta de silencios y cruces, uma vez que ainda não encontraram nenhum responsável para esses assassinatos. No hay culpables ni justicia. Muitos já foram presos, alguns acusados registraram que confessaram sobre tortura.

O descaso é tamanho que os assassinatos das mulheres Ciudad Juárez são considerados com los más crueles de México. Nesta cidade fronteira elas são consideradas, segundo depoimentos de algumas mulheres: peor que basura. Como exemplo, o Código penal de Chihuahua determina que el violador de una mujer "recibirá una pena de tres a nueve años de prisión". Se analisarmos a pena determinada por este mesmo código para os ladrões gado, o Código Penal prevê uma pena de seis a quarenta anos de cárcere.

Muito tem sido especulado sobre esses crimes, criando-se mitos que na maioria das vezes acabam obstaculizando as investigações. Por outro lado, têm surgido nos últimos anos importantes trabalhos de investigadores, aos quais nos referimos no decorrer do texto e ao final nas referências bibliográficas. Dentre esses trabalhos destacamos Homicídios y desapariciones de mujeres em Ciudad Juárez, organizado pelo Instituto Nacional de Ciencias Penales (INACIPE), que desenvolve uma investigação interdisciplinária a respeito do tema e que tem por objetivo formular propostas com vistas a incidir na abordagem do tema de uma maneira integral: desde a conveniência de melhorar as expectativas do desenvolvimento social até a proposta de mudanças legislativas mais profundas.

Na obra citada acima, Lopez (2004) aponta um quadro de hipóteses sobre os homicídios de mulheres em Ciudad Juarez

Assim elenca:

Ajustes de cuentas entre narcotraficantes; Asesino(s) serial(s); Bandas urbanas y rurales delictivas; Crímenes sexuales; Efectos copy cat y cascada; Elaboración de vídeos violentos y snuff; Eliminación por pago; Escenario de pactos entre narcotraficantes y policia corruptos; Homicidas extranjeros; Misoginia; Ponoviolencia extrema y necrofilia; Practicas narcosatanicas; Protección de la policía estatal y municipal a delincuentes; Psicópatas; Pugna entre pandillas; Sectas; Tráfico de personas; Tráfico de órganos; Violencia derivada del consumo de drogas; Violência familiar. (LOPEZ, 2004, p.190).

A obra *Huesos del Desierto* de Sergio Gonzalez Rodriguez, livro do jornalista e escritor mexicano sobre os assassinatos das mulheres em Ciudad Juárez é impactante. Já nos primeiros parágrafos o autor registra, levanta com sutileza a face do terror, um terror que a princípio parece circunscrito àquela região do continente americano, mas com um mínimo de perspicácia, entendemos que se trata de uma odiosa punta de lanza das contradições sociais de nossa América Latina. Em território mexicano, nos alerta González, por cada nueve hombres víctimas de asesinato doloso se mata a una mujer; en Ciudad Juárez, Chihuahua, en la frontera norte con Estados Unidos, la proporción aumenta a cuatro asesinadas. O autor destaca também que estas mujeres, casi sin excepción, son jovencitas de entre 10 y 35 años. Pero sobre todo son mujeres trabajadoras de escasos recursos (RODRIGUEZ, 2006).

O livro tem duas teses centrais. Primeiro, que o fenômeno criminal que assola Juárez e em geral sobre o estado de Chihuahua, tem as características de uma epidemia social de caráter misógino, ou seja, estão assassinando e violando mulheres porque, culturalmente, a sociedade patriarcal as têm construído e constituído como valor de troca.

Segunda tese é de que a grande responsabilidade é do Estado mexicano. E não só por omissão. As provas muitas vezes são claras e contundentes, mas há uma negligência do aparato policial; das procuradorias e fiscalizações especiais que só têm concentrado as investigações em dois ou três supostos culpados; confissões adquiridas por meio de torturas; negação aos supostos culpados dos mínimos direitos previstos em protocolos internacionais. Soma-se a isso a divulgação pelos meios de comunicação, feito por parte de vários governadores do Estado, argumentos contra a honra e a dignidade das vítimas e de suas famílias.

Algo que se destaca na extensa obra Rodriguez González (2006) é o apoio que ele buscou em outras áreas do conhecimento. As vozes de sociólogos e historiadores que têm trabalhado sobre o assunto ecoam com força em suas páginas. Atrás dos assassinatos se amalgamam mais forças que as de um simples violador em série. Estes crimes não ocorrem nos moldes da criminologia convencional.

Os investigadores normalmente concordam em um ponto: que essa situação não é isolada, ela tem raízes profundas, que precisamos buscar aportes em diversas áreas do conhecimento para começarmos a compreender esse fenômeno, que no caso em tela refere-

se a uma cidade do México, mas que bem poderia ser de uma outra cidade mexicana ou não. Assim, disciplinas como a sociologia, a antropologia, a história, dentre outras poderão contribuir.

Um dos pontos que merece destaque neste estudo de caso é a imigração. De acordo com Meneses (2007), a imigração clandestina e sua repressão representa uma das contradições flagrantes da globalização, ao promover a livre circulação de capitais e mercadorias, por um lado e, de outro, reprimir inclusive com a morte a livre circulação de trabalhadores. Analisar as principais circunstâncias e fatores que concorrem na morte de migrantes e imigrantes durante e anterior ao *cruce* clandestino rumo aos Estados Unidos, desde a perspectiva da antropologia, representa evidências contundentes contra as crueldades da globalização. Os dados não deixam dúvidas: no período de 1993-2003, houve entre 3.500 a 4.000 imigrantes mortos e desaparecidos, e mais de 13 milhões de detenções na fronteira comum. Se partirmos da hipótese de que esses dados têm sua validade oficial (sustentados nos discursos governamentais), pode-se deduzir que os números são bem maiores.

Breves considerações sobre a violência

A violência contra as chamadas “minorias”, sejam negros, indígenas, ciganos, mulheres é um dos mais graves problemas a ser enfrentado pela sociedade contemporânea. É uma forma de violência que não obedece às fronteiras, princípios ou leis. Ocorre diariamente em diversos países, apesar de existirem inúmeros mecanismos legais de proteção aos direitos humanos².

Os atos de violência dentro das sociedades parecem justificar-se diante do aparente devir histórico. Inclusive considera-se como “natural” a utilização da violência para dominar outras espécies. Nesse sentido, a violência tem sido uma prática que vulnerabiliza e põe em perigo todos os seres humanos, ou especificamente grupos determinados.

² Apesar da relevância, não discutiremos nesse trabalho a noção de Direitos Humanos, pois, se compararmos a visão indígena do ser humano e da humanidade com a visão ocidental dominante sobre quem é esse ser humano, compreenderemos o quanto esta última visão é pueril, uma vez que ela encarna o conceito de indivíduo como “medida de todas as coisas”. Ao centrar-se no indivíduo, será difícil de servir como base para a unidade da humanidade, considerando a pluralidade. Porém deve-se levar em conta que a mesma representou um avanço contra o anseio dos poderosos, que não possuíam limites para subjugar indivíduos, povos enações.

A violência tem sido um termo recorrente na linguagem (corporal, oral e escrita) dos sujeitos, desde as sociedades antigas, e tem gerado uma herança hegemônica na maioria das sociedades contemporâneas. Deve-se considerar que a raiz etimológica do termo violência nos remete a um conceito de força, porque a violência implica sempre a produção de um dano e indica uma forma de exercício de poder.

A Organização Mundial de Saúde define a violência como: o uso deliberado de força física ou de poder, que seja em grau de ameaça ou efetivo, contra a própria pessoa, contra outra pessoa, um grupo ou comunidade. E, que cause ou tenha muitas possibilidades de causar lesões, mortes, danos psicológicos, transtornos ou privações.

A classificação de violência utilizada no Informativo Mundial Sobre a Violência e Saúde divide a violência em três grandes categorias: violência dirigida contra a própria pessoa, violência interpessoal e comunitária. Por outra parte existe também a chamada violência estrutural, que pode ser definida como aquela encoberta, por tratar-se de um tipo de violência do tipo sistêmico. Não provem da ação violenta de um indivíduo sobre outro, mas do resultado de um sistema social que oferece oportunidades desiguais a seus membros. O grau de violência estrutural ocorre quando se produzem mortes que são evitáveis de acordo com o grau de desenvolvimento alcançado por uma sociedade.

Para um melhor esclarecimento sobre como a violência tomou forma tanto no México como em outros países da América Latina, mais especificamente contra as mulheres, deve-se verificar a maneira como o Estado nacional foi ao longo dos séculos construindo espaços para demarcar qual era o espaço destinado à mulher.

Existe uma certa morbidade por violência, e essa é difícil de ser mensurada, seja pela escassez de dados, seja pela imprecisão das informações geradas através dos boletins de ocorrências policiais, seja pela pouca visibilidade que têm determinados tipos de agravos, ou ainda pela multiplicidade de fatores que envolvem atos violentos. Muitos exemplos poderiam ser citados para se estimar a ampliação enorme da morbidade em relação à mortalidade.

A maioria das mulheres assassinadas eram operárias que trabalhavam nas *maquiladoras*, que encontram-se nas zonas francas de fabricação de produtos para exportação. Em Ciudad Juárez e outras cidades mexicanas fronteiriças com os Estados Unidos, se concentram esse

tipo de fábrica, que se instalaram ali por obra do governo mexicano Fox³, sem pagar impostos e se beneficiando da abundância de mão de obra barata. O governo pouco faz contra o enorme desemprego que atinge os trabalhadores, em especial os mais jovens e entre eles, as mulheres, que são obrigados a viver longe de suas famílias, trabalhando em condições subumanas, com salários de miséria, e expostos a todo tipo de prepotência. O enorme desemprego, a marginalidade, uma grande população flutuante, o tráfico de mulheres e drogas é o cenário que o governo mexicano mantém na fronteira com os Estados Unidos, e que se transformou num verdadeiro inferno para as mulheres.

Questão de gênero

Uma das preocupações desse trabalho é com a violência de gênero. Enfatizamos que o termo gênero é bastante amplo, empregado com diferentes sentidos. Tanto a sociologia, a antropologia e outras ciências humanas e sociais utilizam essa categoria gênero para demonstrar e sistematizar as desigualdades socioculturais existentes entre mulheres e homens, que repercutem na esfera da vida pública e privada de ambos os sexos, impondo a eles papéis sociais diferenciados que foram construídos historicamente, e criaram ambientes de dominação e submissão.

Dentro dessa perspectiva, o gênero, procura abordar diferenças sócio-culturais “fabricadas” entre os sexos masculino e feminino, que se traduzem em desigualdades econômicas e políticas, colocando as mulheres em posição inferior à dos homens nas diferentes áreas da vida humana.

Não se atribui à natureza a responsabilidade pelos padrões e limites sociais que determinam comportamentos agressivos aos homens e dóceis e submissos das mulheres. Muito além disso, os costumes, a educação e os meios de comunicação tratam de criar e preservar

³ Em matéria veiculada pela imprensa mexicana em 21/02/2006, consta que o Governo Fox encobre assassinos de mulheres de Ciudad Juarez. Relatório sobre mortes de mulheres na cidade mexicana causa indignação. O governo mexicano divulga o relatório da Comissão Especial sobre Delitos Relativos aos Homicídios de Mulheres em Ciudad Juárez. E o mínimo que causou entre as mulheres mexicanas e do mundo inteiro foi indignação. O relatório joga por terra vários dados e argumentos exaustivamente levantados por uma infinidade de mulheres e comissões de direitos humanos para esclarecer os assassinatos e desaparecimentos de mulheres que ocorrem nessa cidade mexicana desde 1993. “O relatório é indigno, vergonhoso e humilhante, porque falsifica e minimiza os fatos”, diz Esther Chávez, presidente da Casa Amiga, um centro de apoio aos familiares das vítimas de Ciudad Juárez. O que mais revoltou a todos foi o fato de o relatório oficial afirmar que “a dimensão exata do problema” havia sido distorcida, ou seja, ampliada pelos familiares e organizações de mulheres que lutam há anos por justiça. Disponível em http://www.pstu.org.br/autor_materia.asp?id=4773&ida=4, acesso em 29 de julho de 2008.

estereótipos que reforçam a idéia de que o sexo masculino tem o poder de controlar os desejos, as opiniões e a liberdade das mulheres.

Por outro lado, essa categoria serve para mostrar que essa desigualdade não é natural e pode, portanto, ser transformada em igualdade, promovendo relações democráticas entre os sexos.

São variadas as estratégias adotadas de políticas anti-discriminatórias⁴, adaptando-se as distintas concepções políticas e às diferenças entre sistemas políticos e às tradições culturais de cada país. As mais importantes que se tem implementado são: a igualdade de oportunidades; ações positivas e transversalidade.

Cada uma delas responde a uma estratégia de intervenção pública diferente e aponta para a transformação em diferentes aspectos do sistema social de gênero que condiciona a realidade social das mulheres e as relações entre homens e mulheres. A discriminação por si só, já é um referencial que leva à reflexão de que há desigualdades, e essas desigualdades não são legítimas ou legais e por isso devem ser modificadas.

Se o Estado é o garantidor da igualdade, da cidadania, então a existência dessas desigualdades deve ser abordada através de políticas públicas que favoreçam esse equilíbrio (ASTELARRA, 2004).

Para uma melhor dimensão do que estamos tratando, abaixo transcrevemos uma carta escrita por Malu Garcia Andrade, irmã de Lilia Alejand, desaparecida em 14 de fevereiro de 2001.

Quisiera que imagines a tu hija, o hermana, a tu prima, a tu novia, o a tu esposa. Imagina que sale de su casa para dirigirse a su trabajo o escuela. Puedes imaginar lo linda que se ve al caminar, con un rostro inocente. Refleja el deseo a la vida con un brillo en sus ojos que demuestra su felicidad. Imagina que de regreso a casa un auto le cierra el camino, se bajan tres hombres. Uno de ellos la toma del cabello, el otro de sus pies y la meten adentro del auto para secuestrarla. Imagina que llegan a una casa y entran a una de las habitaciones.

Ahí la tiran al suelo mientras los tres hombres miran el rostro de ella que ahora refleja terror. Imagina que uno de los hombres se acerca a ella, la ata de las manos y la recuesta en una mesa. Ella trata de defenderse; él levanta su brazo, cierra el puño y le da un golpe en la

⁴ Isso não significa que sejam suficientes.

nariz. Después extiende nuevamente su brazo para darle otro golpe en la boca, para que así ella no siga diciendo:

Ya basta, por favor! Mamá, papá: ¡Ayúdenme! ¡Auxilio! ¡Alguien que me ayude! ¡Dios, ¿por qué mí?! Por favor ¡Ya no! ¡No, no, no!

Imagina a esta joven diciendo estas frases mientras esta siendo golpeada y violada, diciéndolas con la voz quebrada y con lágrimas que recorren su rostro. En ese momento él termina de violarla; al acabar aún no termina el martirio de la joven, pues en la habitación hay dos hombres más... Se acerca otro de ellos; está fumando y apaga el cigarro en uno de los brazos de ella. Él empieza a morder sus senos, empieza a violarla, y así los tres hombres la torturan. Al terminar la tiran a el suelo y la empiezan a patear para después retirarse y dejarla en el suelo bañada en sangre, violada y ultrajada con la mas profunda saña y crueldad. Ella sigue sufriendo por un día, dos días, tres días, hasta que sus atacantes se dan cuenta que ella no resiste más y deciden matarla. Imagina que uno de ellos se acerca, pone sus manos alrededor de su cuello para estrangularla. Ella, a pesar de estar golpeada, trata de defenderse pero no puede y él cumple con su objetivo: matarla. Pero a los otros dos no les parece suficiente, así que otro de ellos, la toma de la cara para girarla bruscamente y desnucarla. Ahí esta su cuerpo sin vida, con la nariz fracturada, los labios reventados, los ojos golpeados, los brazos con quemaduras de cigarrillos, las piernas con cicatrices, y que las muñecas muestran huellas de ataduras y sus senos carcomidos. Ellos envuelven el cuerpo en una cobija la suben a el auto, se dirigen a un terreno baldío para dejar su cuerpo ahí. Pero el martirio y el dolor aún no terminan pues falta que la familia se entere de lo que acaba de sufrir la joven... Imagina lo que sigue... No, no venimos a buscar el consuelo, ni las falsas promesas por parte del gobierno. No queremos estadísticas, ni números que no reflejan la verdadera realidad de la mujer en Ciudad Juárez. La sociedad civil y las ONG's exhortamos al Estado Mexicano a que frene la impunidad en torno a los asesinatos de mujeres en Ciudad Juárez y que cese el hostigamiento que sufrimos familiares de las víctimas y defensores de derechos humanos. Pedimos respeto y sobre todo les exigimos que nos dejen vivir.

Segundo relatos, há mais de 13 anos esta problemática foi denunciada, mas, as autoridades competentes não deram a devida importância, uma vez que, o ministério público minimizava o delito, ou porque eram mulheres. Cidade Juárez é uma cidade fronteira

onde há muitos prostíbulos e também segundo as estatísticas tráfico de drogas e de pessoas. Nesse sentido buscava-se nessas situações ilegais, a causa do problema. O que se ouvia e ainda se ouve é que essas mulheres seguramente usavam roupas provocantes ou eram prostitutas, quando na realidade o perfil era outro. Muitas vezes era uma mulher indígena, da província, pobre, e que trabalha nas *maquiladoras*, esperando um momento para que pudesse atravessar o Rio Bravo e alcançar outras margens.

O fato é que, o que acontece em Ciudad Juárez se reproduz em toda a sociedade mexicana em maior ou menor escala. No México, o sentir, o viver a violência como algo cotidiano é o que lhe tira a visibilidade. Na maioria das vezes a violência opera-se pelo seu aspecto silencioso. Por exemplo: o que acontece quando uma jovem operária, indígena, chega para trabalhar em Ciudad Juárez expulsa de sua comunidade pela fome, pela pobreza? Imediatamente lhe pedem uma prova de gravidez para poder dar-lhe o trabalho e a aceitar como operária. Esse tipo de violência é tão corriqueiro que acaba por parecer normal. Os maus tratos ocorrem também de maneira verbal. E também é normal. Afinal o que esperas? Sempre foi assim em sua casa. Essa discriminação seja por sexo, etnia, orientação sexual, religião é alguns dos fatores que muito pouco se fala.

Uma obra de grande importância para entendermos esses fenômenos é *El silencio que la voz de todas quiebra*, de Benitez(1999) que nasceu diante da impotência e frustração que o autor sentia. Ele se perguntava como era possível que os assassinatos violentos contra as meninas e mulheres seguissem ocorrendo enquanto os encarregados de proporcionar segurança à população, se esforçavam em mitos que não raras vezes, tinham por objetivo denegrir a memória das mortas, pretendiam justificar sua própria falta de atuação de maneira simplista.

Segundo o autor, já não era mais possível ver aquelas jovens como apenas mais um número nas estatísticas e nem como vítimas que propiciavam sua própria tortura. Assim, uma das propostas do autor era ¿cómo salvar la dignidad de esas muchachas, laceradas hasta después de su muerte? Também, como dar nomes, rosto e alma para essas mulheres?

Para tecer algumas anotações finais, acerca das possíveis alternativas de solução dos casos e evitar outros, citamos, as principais considerações que faz Barrón Cruz (2004):

En el fenómeno de las “muertas de Juárez”, hay más preguntas sin respuestas y, por supuesto, no existen soluciones.

Las estadísticas del fenómeno son heterogéneas y, por tanto, no se puede establecer con claridad la magnitud de sus sucesos. Esto quizá, ha contribuido a incrementar la sensación de inseguridad en la población. Además la ausencia de estadísticas no permite dimensionar de manera objetiva el fenómeno; y, dificulta la elaboración de diagnósticos, que permitan orientar la toma de decisiones.

La investigación ministerial y policial es deficiente. Por lo cual es urgente modificar dicho sistema de investigación.

A partir del análisis e integración de los expedientes ministeriales, se desprende que no existen elementos concluyentes para afirmar que exista un asesino serial en el caso de Juárez.

No hay un estudio integral para asociar el perfil de la víctima y del agresor.

Deficiente integración de los dictámenes criminalísticos por tanto es impostergable integrar una investigación sobre qué ha pasado con los indicios mandados a análisis?

Todos los hechos han generado un clima de impunidad, que genera un incremento en la irracionalidad de los actos de quienes delinquen; y, por otra, el aumento de los sentimientos de desprotección de los ciudadanos. A los primeros, les otorga la sensación de que no importa lo que hagan no serán castigados; y, en los segundos, profundiza el sentimiento de indefensión.

La razón es que la violencia (delincuencia) se manifiesta de manera multidimensional y la población la ha asociado subjetivamente a la inseguridad. Entonces, la explicación del fenómeno “muertas de Juárez” debe correlacionar y contextualizar la situación social y familiar de las víctimas, con los problemas sociales económicos y culturales de la región.

Es importante efectuar y analizar, en Juárez, cuál es el consumo de alcohol, drogas y los principales problemas de salud mental que afectan a la región. E igualmente, los niveles de tenencia de armas. Lo anterior para distinguir las tendencias de homicidios, es decir aquellos que fueran cometidos por imprudencia, de aquellos que forman parte de la violencia instrumental.

Es indispensable desarrollar una investigación sistemática sobre el narcotráfico en Juárez y su impacto directo en la economía de la ciudad, a fin de dimensionar la participación, cómo

ha desestabilizado políticamente a la ciudad y a la frontera, mediante la corrupción de diversos cuerpos, pero principalmente en los encargados de la persecución, procuración y administración de justicia.

En el campo político-jurídico es necesario superar la ilusión “legaloide” del aumento de penas para abatir la impunidad; pues, lo que en realidad acontece es que el sistema penal es insuficiente.

Diante do que fora exposto, levamos em consideração que as investigações em torno das mortes, seqüestros, violações e desaparecimentos das mulheres de Juárez continuarão por muito tempo. Além de existir a necessidade de deter e processar os responsáveis, é um dever do Estado aplicar a justiça ali onde se lesiona o bem mais importante do ser humano. Também, uma parte da sociedade está cansada de ver as mulheres serem violadas, molestadas, pressionadas, agredidas e oprimidas. São necessárias políticas públicas que minimizem essas situações. E, que homens e mulheres possam seguir traçando seus projetos de futuro, sem muitas vezes precisarem arriscar sua dignidade e sua própria vida em busca de um “eldorado”, que talvez nunca tenha existido.

Por Ciudad Juárez, milhares de pessoas chegam e milhares se vão; milhares cruzam diariamente o letreiro imenso que sobre suas cabeças indica que chegaram a la tierra prometida: a la mejor frontera de México.

Referência Bibliográfica

ASTELARRA, Judith. Políticas de gênero en la Unión Europea y algunos apuntes sobre América Latina. Mujer y desarrollo. Secretaria Elecutiva, Santiago de Chile, 2004.

BENÍTEZ Rohry, Adriana Candia, Patricia Cabrera, Guadalupe de la Mora, Josefina Martínez, Isabel Velázquez, Ramona Ortiz. El silencio que la voz de todas quiebra Mujeres y víctimas de Ciudad Juárez. Ediciones del Azar. S Taller de Narrativa. Primera edición, Chihuahua, México, 1999.

CAVALCANTI, Stela Valéria. A violência doméstica como violação dos direitos humanos. Revista do Ministério Público – Alagoas, n. 15, jan./jun. 2005.

CRUZ BARRÓN, Martin Gabriel. Violencia en Ciudad Juárez: asesinos seriales y psicópatas. In: Homicidios y desapariciones de mujeres en Ciudad Juarez. Instituto Nacional de Ciencial Penales, INACIPE, México, 2004.

Guadalupe de la Mora Comunicóloga, fotógrafa y actriz. Palestrante, produção de mais de 400 programas de rádio no ar, dramatizações, revistas artigos, dentre outras publicações. Chefe de Servicios de Prensa de la Universidad Autónoma de Ciudad Juárez.

LOPEZ, Erick Gómez Tagle. Hipótesis sobre los homicidios de mujeres en Ciudad Juárez. Una aproximación sociológica. In: Homicidios y desapariciones de mujeres en Ciudad Juárez. Análisis, Críticas y Perspectivas. Instituto Nacional de Ciencias Penales, INACIPE, México, 2004.

MENEZES, Guillermo Alonso. Terrorismo gringo? Antropología de la globalización y la migración clandestina en la frontera México-Estados Unidos. In: Antropología de las fronteras. Miguel Olmos Aguilera (Coord.). Editorial Porrúa, México, 2007.

RODRIGUEZ, Sergio Gonzalez. Huesos del desierto. Anagrama, Espanha, 2006.

SEGATO, Rita Laura. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 256 maio-agosto/2005.

SEGATO, Rita Laura. Qué es un feminicidio, fronteras, violencia, justicia, 01 fronteiras.indd 34 24/10/07 , <http://www.unb.br/ics/dan/Serie401empdf.pdf> acesso em 20 de agosto de 2008.